

MANAUS-AM, 10 DE SETEMBRO DE 2002

*Senhor Governador do Amazonas, Amazonino Mendes; Senhor Governador do Acre, Jorge Viana; Dr. Flamarion Portela, Governador de Roraima; Senhores Embaixadores e Embaixadoras aqui presentes; Ministros de Estado presentes; Ministros de outros países; Senadores; Deputados; Empresários e Empresárias; Senhoras e Senhores,*

*É, sempre, para mim um grande prazer retornar à Região Amazônica e à cidade de Manaus. Até posso dizer que tenho orgulho de ter sido o Presidente que mais visitou a Região Amazônica em toda a História da nossa República. Já perdi a conta: mais de vinte vezes.*

Não houve um estado no qual eu não tivesse tido a oportunidade de estar presente para sentir a força desta Região Amazônica e para renovar a minha convicção quanto à importância fundamental desta região para a integração nacional e para a constituição de uma América do Sul coesa e integrada, onde os povos irmãos vivemos aqui, todos, hoje, motivados pelo mesmo objetivo de encontrar as melhores formas de, convivendo com a Natureza, não nos esquecermos de que o fundamental na Natureza são as pessoas, e, portanto, de buscar modos pelos quais

essas pessoas possam transformar a Natureza sem destruí-la e fazer com que as gerações futuras encontrem as mesmas condições que nos foram legadas pelos nossos antepassados.

Todos sabem da determinação com que tenho procurado buscar essa meta de uma aproximação cada vez mais intensa com os países vizinhos. Estou convencido de que a integração da América do Sul é um projeto de natureza estratégica para a economia regional, porque amplia as escalas, favorece a produção, estimula, naturalmente, as exportações, enfim, reforça a nossa participação no mercado internacional. E me permitam agregar algo mais direto sobre essa estratégia que vem sendo definida não só por mim, mas por vários Presidentes. Na verdade, temos tido reuniões de Presidentes da América do Sul, e nunca houve reuniões dessa natureza. Fizemos uma em Brasília e, recentemente, uma em Guayaquil. Pela primeira vez na nossa História, por incrível que pareça, tivemos reuniões dos Presidentes dos países vizinhos.

Queria dizer que, para mim, esse é um sentimento que tem algo do que já disse aqui o Ministro Sérgio Amaral, algo de muito pessoal, por razões fáceis de compreender – e muitos sabem: minha mãe nasceu em Manaus na passagem do século XIX para o século XX. E viveu até os 86 anos. Quem nasceu aqui, naquela época, e viveu era forte. Espero ter herdado dela uma parte dessa genética para poder sobreviver por mais tempo.

Mas, desde pequeno – nasci no Rio e fui criado em São Paulo –, o Amazonas para mim era um mito, porque eu não o conhecia senão pelas histórias contadas por minha mãe, que sempre me pareciam exageradas, porque tudo era grandioso, no modo pelo qual ela transmitia aos filhos o sentimento da Amazônia. Antes de ser Senador da República, tive a oportunidade de conhecer de perto a Amazônia. E aí eu vi que, efetivamente, as palavras da minha mãe não continham exagero, eram apenas a tradução daquilo que é esta região, que é fabulosa, é grandiosa, é extraordinária. Tenho, portanto, no meu subconsciente esse sentimento de afetividade para com a Amazônia.

Mas não é só isso. Pertencço a uma geração de brasileiros que, por circunstâncias variáveis, tivemos a possibilidade de viver nos países irmãos nossos. Vivi alguns anos no Chile e na Argentina. Andei por

quase todos esses nossos países vizinhos. Dei aula em muitos deles, na Venezuela, no Chile, na Argentina, no Peru, no Equador, e fiz conferências na Bolívia. De tal maneira, esta região vizinha aqui a nós não é estranha a mim, como experiência vital. E a tal ponto que acabei até falando espanhol, por força das circunstâncias. De modo que, quando venho à Amazônia e vejo o que está acontecendo aqui e vejo que essa integração, essa coesão está crescendo, só posso me sentir muito feliz. Por isso, faço empenho em vir aqui.

Hoje, o meu médico não queria que eu viesse, por uma coisa simples, uma gripe que é continuada. Mas eu não ia perder a oportunidade de, mais uma vez, estar aqui com os meus compatriotas, com os nossos vizinhos e com os que nos vêm visitar, para reafirmar essa convicção de que esta é uma região que tem um futuro extraordinário e já tem um presente de realizações.

Essas realizações vêm de longe, de muito longe. Mas houve alguns momentos em que elas tomaram um caminho que permitiram uma aproximação maior entre nós; e, certamente, tomarão outros caminhos nessa direção. Estamos, crescentemente, buscando a integração de transporte, de energia e de telecomunicações no nosso continente.

Eu ainda era Ministro das Relações Exteriores, em 1992-93, quando, pela primeira vez, me falaram de uma estrada chamada BR-174. Desde então, isso ficou fixo na minha mente, pois era importante que houvesse essa estrada. O Governo Federal é mais pobre que os governos da Amazônia, mas os governos da Amazônia são mais generosos do que o federal. E é verdade o que estou dizendo. O Governador Amazonino Mendes ajudou muito a fazer essa estrada, assim como o Governador de Roraima, Neudo Campos. Depois, estamos pagando a conta. Mas eles avançaram o dinheiro. E, hoje, essa estrada é a via principal para permitir, por terra, o sonho de todos nós, delineado aqui pelo Ministro Sérgio Amaral, que é o de dar um impulso novo, exportador, à Zona Franca de Manaus. É uma estrada integradora.

Levamos muitos anos também para conseguir que houvesse a compreensão da importância de uma vinculação energética. Hoje, Roraima tem energia abundante, graças ao fato de que a trazemos da hidrelétrica

do Guri, na Venezuela. Isso custou muitos tratados, muitas reuniões, muitas discussões, muito empenho. Mas, hoje, essa integração física, seja da estrada, seja da energia, está avançando. E, na verdade, isso é o que motiva a possibilidade de sentirmos realmente que a região tem enormes condições de integração.

Recentemente, no Equador, do que se tratava senão de um caminho de integração? E, cada vez que estamos no Peru, tratamos das possibilidades – hoje, já realidades – de ligação entre as bacias dos nossos rios. Alguma vez me recordo de que o Presidente Rafael Caldera, antigo Presidente da Venezuela, estava em Brasília, insistindo sobre a ligação entre a Bacia do Orinoco, na Venezuela, e a Bacia Amazônica. Eu disse: “Há algumas dificuldades, porque são duas bacias que há, aí, no caminho.” Ele disse: “Ah, não tem importância. Pode-se até usar uma bomba atômica para fazer um caminho novo.” Eu disse: “Não, Presidente. A tal ponto eu não chego, pelas minhas convicções ecológicas e pacifistas.”

Pois bem, mais recentemente, na Venezuela, jogando uma bóia simbólica para mostrar que íamos fazer uma ponte, que estamos fazendo, com apoio brasileiro, cruzando o rio Orinoco, eu estava lá, com o Presidente Hugo Chávez, e ele voltou a falar da necessidade de fazermos a integração do Orinoco com o Amazonas. Só que já se faz. E se faz sem bomba atômica. E se faz ainda precária: há umas corredeiras do Caciquíari – creio que se chama assim –, mas é possível fazer essa ligação. E o Presidente Chávez me propôs que a fizéssemos juntos. Eu digo: “Mao Tse Tung atravessava um rio a nado. Agora, eu atravessar corredeira com você é demais.” Mas a verdade é que essa ligação é factível.

No Acre, lá em Cruzeiro do Sul, no extremo do Acre – já perguntei sobre comunicações – é possível também haver comunicação aquática. Enfim, por todos os lados, começa a existir essa busca de integração, seja ela de que maneira seja e, muitas vezes – o que ainda não está reconhecido por nós, governantes, como uma prática já sendo adotada pelo povo –, já está havendo esse amálgama de toda essa região, que é, na verdade, uma só região.

O fato é que, com tudo isso, demos um impulso grande à região amazônica. Muito recentemente, estive aqui para inaugurar o Sivam–

Sipam. Aqueles que não o conhecem e que, estando aqui, tiverem a oportunidade de olhar, vale a pena vê-lo. Vale a pena ver o que significou para nós, brasileiros, a organização desse sistema de vigilância e de monitoramento da Amazônia, que não foi fácil de ser obtido, por mil razões, mas, hoje, está funcionando e é não apenas algo – já em si importante – para controlar o espaço aéreo e garantir a nossa região e as nossas fronteiras, mas tem também enorme importância na pesquisa científica e para que possamos conhecer melhor o que acontece em toda essa região.

Em outro encontro que também tive aqui, em Manaus, há alguns anos já, com os Ministros de Defesa das Américas, pusemos à disposição dos nossos vizinhos a utilização desse sistema. As nossas Forças Armadas – e agradeço a presença dos seus Comandantes, neste momento aqui, da Marinha, da Aeronáutica e do Exército – têm um profundo sentimento de patriotismo e, por isso mesmo, sabem que a integração com os nossos irmãos de vizinhança é uma condição fundamental na preservação da Amazônia, em mãos apropriadas, que é o que vamos fazer, *per saecula saeculorum*. E, seguramente, a existência do Sivam–Sipam é um instrumento fundamental para que possamos avançar mais e mais nessa direção, sem falar que precisamos ter muita preocupação com a estabilidade social e com o progresso econômico e que, na verdade, temos que vigiar crescentemente também as questões relativas ao terrorismo, as questões relativas ao tráfico de drogas, ao contrabando, ao contrabando de armas. E isso não se fará se não houver uma forte cooperação entre todos os países e uma forte compreensão das populações locais de que a ação do Estado é essencial para garantir a estabilidade que todos desejamos e para evitar que exista uma situação de risco permanente para nossas populações.

Certamente, o controle do tráfego aéreo, agora, e o combate ao narcotráfico aumentaram consideravelmente com a possibilidade de contarmos com esse conjunto de radares que estão preparados para assegurar as informações pertinentes sobre a Região Amazônia. Estou mencionando apenas alguns exemplos do que tem sido feito para a integração da Amazônia e para que possamos, efetivamente, criar melhores condições de vida para essa população.

Para os estrangeiros que estão aqui, se tiverem a possibilidade de ir a Urucu, vão ver como se faz a exploração de petróleo no meio da Amazônia e como essa exploração é feita com absoluta preservação da Natureza, de tal maneira que a Petrobras tem o ISO 14000, além do ISO 9000. É emocionante verificar, no coração da Amazônia, a exploração de gás e petróleo feita de maneira absolutamente compatível com a preservação da natureza.

Para aqueles que têm, talvez, um ímpeto maior de conhecer a Natureza, vou fazer, mais uma vez, propaganda de uma região – faço de uma, mas poderia fazer de dez, ou de vinte, ou de cem – que vale a pena conhecer. Chama-se Mamirauá. Fica perto da cidade de Tefé. E lá vão ver, também, que existe uma área de proteção ambiental que se segue para uma área maior ainda, que é do estado. Em continuidade. Não sei nem dizer quantas centenas de milhares de hectares estão aí nessa região. Lá existe uma unidade de pesquisa do CNPq, que é do Ministério de Ciência e Tecnologia; e há uma convivência extraordinária com a Natureza. As populações locais são motivadas para, elas próprias, participarem desse esforço de preservação e, ao mesmo tempo, da criação de condições melhores para a pesca local, para o conhecimento científico, sobretudo naquela região que tem muito boto cor-de-rosa.

É alguma coisa de fascinante verificar como a Amazônia hoje encontrou o seu destino como a grande região de floresta tropical capaz de se auto-sustentar e capaz de oferecer vida melhor para o seu povo, à condição de que – e esses 100% de crescimento da Amazônia que o Governador Amazonino fez a gentileza de atribuir ao meu Governo na verdade é ao nosso Governo, é ao nosso povo – continuemos crescendo e continuemos avançando nessa mesma direção, não num crescimento que destrua, mas num crescimento que perpetue as condições da Natureza. E digo isso com muita satisfação.

Nos anos 70, fiz um estudo sobre a parte sul da Amazônia, sobre o Pará, terra do nosso Ministro Juarez Quadros. Nos anos 70, havia uma política fiscal de transformação da Amazônia em pastagem. Foi um desastre. Assisti de perto a esse desastre naquela região do sul do Pará, em Redenção, uma cidadezinha. Hoje é uma cidade grande; naquele

tempo, era uma cidadezinha. Lá estive algum tempo, embrenhando-me na mata para verificar as condições em que operavam as grandes empresas que recebiam ajuda fiscal para derrubar a mata. Derrubavam a mata, e disso resultava um areão imenso e pastagem alguma. Era uma destruição. Faz 30 anos.

Quando houve a Conferência do Rio, chamada Rio-92, só se falava das queimadas na Amazônia, da destruição da Amazônia. Fui a Johannesburgo há duas semanas. A Amazônia, hoje, é exemplo. A preservação, do jeito que estamos tentando fazer e fazendo, é exemplo. A demarcação de terras indígenas aumentamos, dobramos o número de terras indígenas demarcadas nesses oito anos de Governo. E, se tivermos sorte – havia 40 milhões de hectares demarcados, agora são 80 e poucos –, poderemos chegar a 100 até o fim do Governo. Ou seja, estamos avançando crescentemente para que a população local ou autóctone tenha condições de manter seus costumes e de se integrar – mas dentro dos seus valores, e não forçando com os nossos valores – à vida nacional.

O extrativismo avançou imensamente. Tive o prazer de estar na terra do Governador do Acre, que aqui está conosco. Fomos ver, lá em Xapuri, na terra do Chico Mendes, uma experiência extraordinária que eles fizeram lá, de extrativismo e de um modo de ocupar a floresta: é benéfico para as pessoas e para a própria Natureza. O Governador Jorge Viana foi comigo lá, eu tive o prazer de ir lá ver.

Ou seja, existe, realmente, aqui, uma imensa transformação que está avançando. Mas é mais. Isso não acontece só porque existem diretrizes do Governo, ou porque existem empresários: há também pesquisadores. A Amazônia tem o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, tem o Instituto Goeldi, marcos que vão permitindo um conhecimento crescente sobre a região. E, na verdade, devo dizer aqui, agora, que esse desenvolvimento tecnológico, que é um dos pilares da Sufrema, uma agência de promoção de investimento na Amazônia Ocidental, vai ganhar – com a conclusão, agora, desse CBA, que é o Centro de Biotecnologia da Amazônia – mais um centro de pesquisa, que vai permitir que, efetivamente, continuemos avançando nessa direção. Certamente, a partir daí, vamos ter também uma bioindústria, criada

aqui, como um pólo importante – para que possamos gerar mais riqueza na Amazônia –, que vai ter repercussão sobre o nível de vida, sobre o bem-estar das comunidades envolvidas.

Há, portanto, um esforço de desenvolvimento científico e de integração entre as universidades e as empresas. Quero lembrar aqui um projeto, o Projeto Gênios, liderado pela Gradiente, cujo proprietário vejo de longe (e está com uma barba grande, quase não o reconheci); está aqui presente e sabe o que está havendo lá. E há o Centro Tecnológico de Microeletrônica, aqui em Manaus. Quer dizer, são avanços concretos, que permitem ver que esse desenvolvimento vai ter continuidade.

Estamos vendo, agora, que há realmente a possibilidade de atrair para a Zona Franca fornecedores de insumos e componentes da indústria eletrônica e de informática, para agregarmos mais valor ao que estamos fazendo.

Tudo isso faz com que a Amazônia realmente possa, hoje, se orgulhar de dizer que, se nós hesitamos – nós, digo, Brasil, não os amazônicos – quanto ao que seria o destino da Zona Franca, essa hesitação não existe mais.

Permito-me chamar à memória do Governador Amazonino e do Senador Bernardo Cabral que, nos debates que tivemos no Senado da República, anos atrás, sobre a Lei da Informática, havia uma forte resistência – e eu, Senador por São Paulo – ao que se fazia na Amazônia. O Governador há de se lembrar de que a minha posição foi sempre de equilíbrio e sempre procurei ensejar a possibilidade de que nós, do Sul, entendêssemos a importância da Zona Franca.

Hoje – já o disse o Ministro Sérgio Amaral –, a Zona Franca veio para ficar. E veio para ficar porque ela foi descobrindo a sua vocação. Veio para ficar porque há compatibilidade entre o desenvolvimento desta região e as demais regiões do Brasil. A contradição eventualmente imaginada no passado se desfez. E se desfez pelo trabalho dos empresários e do povo do Amazonas.

Estou repetindo o que disse o Ministro Sérgio Amaral, mas com convicção, porque acho que, hoje, há já a tranquilidade – e devem todos os amazônicos sentir essa mesma tranquilidade – quanto ao fato de que

a Zona Franca encontrou um caminho. E é um caminho benéfico para ela e para o Brasil e será benéfico para os países irmãos, na medida em que ampliarmos a nossa inter-relação.

Não vamos mais poder aceitar que haja restrições indevidas no Mercosul, que tratam a Zona Franca como terceiro país. É preciso buscar uma compreensão maior para que entendamos que a Zona Franca, hoje, faz parte do sistema produtivo nacional brasileiro, é parte desse sistema e não é uma excrescência nesse sistema. Ela se aninhou, se posso assim dizer, no espírito do crescimento do Brasil e está avançando crescentemente.

Mais de 200 empresas, aqui, já receberam o certificado ISO-2000, que é uma coisa importante. Quantos países terão esse certificado? Quantos países terão cem certificados de ISO-2000? Aqui, só na Zona Franca, são 200 empresas que têm um *standard* de qualidade global, de qualidade internacional, o que mostra que estamos, realmente, fazendo um esforço de reconversão industrial importante, respeitando as bases técnicas necessárias.

Acho que o que disse o Ministro Sérgio Amaral é verdade. Já podemos antever, a partir do ano 2003, um equilíbrio entre importação e exportação. Havendo esse equilíbrio entre importação e exportação na Zona Franca, que resistência poderá haver ao fato de aqui dispormos de uma produção industrial local já muito importante e que representa um peso muito grande em termos de emprego? São 55 mil empregos diretos. Em termos de faturamento, são cifras muito elevadas: só nesses primeiros 6 meses, 460 milhões de dólares – nesses primeiros 6 meses! É um faturamento grande. Acho que, no faturamento total da Zona Franca – de exportações, 600 milhões –, no total, são cerca de 21 bilhões de reais! Quer dizer, uma realidade absolutamente concreta, que mostra que a Zona Franca está inserida, ela é competitiva e tem, portanto, possibilidade de permitir que o Brasil encontre aquilo de que precisa: uma boa plataforma também de exportação.

De modo que não tenho dúvida nenhuma de que essa reconversão da indústria, aqui na Zona Franca, que foi impulsionada pelo Governo, produziu efeitos e não significou, com o tempo, uma diminuição da

renda da região. Pelo contrário. Falei em 50 e poucos mil empregos diretos. Mas e os indiretos? São cerca de 200 mil. E isso beneficia não só Manaus, mas afeta o conjunto da Amazônia – Acre, Rondônia, Roraima, Amapá. Tudo isso se beneficia desse pólo que está aqui plantado.

Acredito, portanto, que temos aqui, hoje, o que comemorar.

Quero lhes dizer também que acabamos de aprovar um processo produtivo básico, que vai permitir, no futuro e a partir de agora, haver um pólo petroquímico aqui em Manaus, alguma coisa que tem grande significação, porque vai permitir que a exploração do gás e do petróleo se transforme num outro elemento de enriquecimento, num outro elemento de riqueza aqui, na Amazônia. São decisões que às vezes passam um tanto despercebidas, mas, com o tempo, ver-se-á qual o efeito, que isso tem um efeito multiplicador imenso.

Assim, para que eu não me estenda além do razoável, queria lhes dizer, sobretudo aos que estão chegando aqui para esta exposição, que temos realmente muitas oportunidades para trabalhar em conjunto. Espero ter a possibilidade de conversar com alguns dos senhores das delegações estrangeiras para reafirmar esta minha convicção.

Mas não poderia terminar estas palavras, que são de reafirmação do Brasil sobre o destino da Zona Franca, sem agradecer ao Ministro Sérgio Amaral, e, ao falar dele, falo da equipe do Ministério e dos Ministérios que trabalham em conjunto. Queria dizer que, realmente, nós, hoje, dispomos de uma compreensão dos problemas da Amazônia que supera qualquer obstáculo que eventualmente possa ter havido a um melhor entendimento do significado desta região.

E, assim como disse o Governador Amazonino Mendes em suas palavras, que já referi como generosas, que ele está por terminar o seu período de Governo e eu também, não sei se terei outra oportunidade, como Presidente, de vir ao Amazonas. Ao Pará irei, no fim deste mês. Ao Acre também, no final do ano. E ainda quero ir a Rondônia, tenho uma dívida com Rondônia, de presença lá. Mas não sei quantas vezes mais terei a oportunidade de estar, como Presidente, nessas regiões.

Queria lhes dizer que me dá satisfação ver que em cada uma dessas regiões algo de significativo foi feito, em cada um desses estados alguma

marca deste novo Brasil está plantada. Muitas vezes são sementes, como o Centro de Biotecnologia que estamos criando agora. São sementes. Muitas vezes não se vêem ainda os resultados. Mas tenho certeza de que o que está desenhado na Amazônia, nesses estados todos da Amazônia é alguma coisa que vai frutificar pelos tempos afora. E assim como tenho sido recebido aqui com carinho e calor humano, queria dizer que, também, todas as vezes que precisei, os Governadores e as bancadas dos estados da Amazônia não me faltaram. Precisei muitas vezes. Não é fácil governar este país tão grande.

Logo que iniciei o Governo, eu disse que era fácil governar o Brasil. Talvez tivesse que refazer o que disse. Mas posso lhes assegurar, também, que não é tão difícil assim. Sobretudo não é tão difícil assim se compararmos – e eu não vou comparar – com outras situações pelo mundo afora, porque, bem ou mal, apesar das diferenças de região, de riqueza, de possibilidades, enfim, algumas até inaceitáveis, de diferenças de renda, até mesmo de nível cultural, existe aqui, neste país, e esta região é o exemplo mais generoso disso, uma disposição de cooperar.

Nós, naturalmente, temos muitos conflitos. Quem, em política, não tem conflitos? Mas nunca deixamos, nesses oito anos em que sou Presidente, esses conflitos se transformarem em crise institucional. Nunca vi, no calor das palavras, a labareda das armas de fogo. Nunca houve isso. E, quando o calor é só das palavras, há outras palavras que arrefecem o calor. Há sempre formas de diálogo, há sempre formas de entendimento. E posso lhes dizer que, sobretudo nesta região, com os Governadores e com as bancadas, em mais de um momento tivemos problemas, em mais de um momento poderia parecer que se chegaria a uma situação de dificuldade insuperável. Nunca chegamos; e nunca chegamos, não por virtudes minhas, mas por virtudes nossas, porque nós todos estamos marcados por um profundo amor ao Brasil, pelo sentimento de que temos que fazer muito mais, sobretudo por aqueles que mais necessitam neste país.

Nós todos sabemos que não podemos levar os nossos pontos de vista, às vezes até mesmo os nossos egoísmos, a um ponto tal que inviabilizem a marcha em comum. Isso nunca esteve em risco. De

modo que, com todas as dificuldades, nesses anos a fio, de governo, nunca me senti isolado. Sempre senti que havia um apoio que era possível despertar.

Quero, portanto, agradecer ao Governador Amazonino Mendes, que me apoiou tantas vezes, e aos Governadores aqui presentes, ao Governador do Acre, membro de um partido que, dizem, é adversário; mas, na verdade, nós sempre pudemos ter um relacionamento em favor das nossas populações. Quero agradecer aos empresários e às empresárias que estão aqui: quando para cá vieram, nem tudo era facilidade – nem hoje é.

Quero agradecer aos parlamentares que estão aqui, aos muitos que não estão, mas que, certamente, comungam desses mesmos objetivos.

E quero colocar como uma possibilidade – não chega a ser um desafio, porque não é necessário – aos nossos irmãos da região, aos Embaixadores da região, aos Embaixadores que não são da região, mas que têm interesse pela região, a necessidade de nós, cada vez mais, estendermos esse mesmo espírito de compreensão e de fraternidade, para que possamos, juntos, ajudar o Brasil a avançar e tendo a certeza de que o Brasil saberá avançar pelo modo correto, com um desenvolvimento auto-sustentável, e vai sempre entender que é necessário preservar aquilo que herdamos dos nossos antepassados, em termos das condições e possibilidades da nossa Natureza, mas vamos transformar tudo isso, crescentemente, em benefício do nosso povo.

Estou realmente emocionado, Governador, por suas palavras, que sei que são como as palavras da minha mãe, exageradas, mas, de qualquer maneira, me tocaram o coração.

Muito obrigado.